

# ARQUIVO DO ALMIRANTE TAMANDARÉ: UM CAMINHAR PELA HISTÓRIA NAVAL BRASILEIRA

EDINA LAURA NOGUEIRA DA GAMA\*

## I – Origem

A Revista Marítima Brasileira<sup>1</sup>, no início de 1949, anunciou na seção Noticiário a compra, pelo então Ministério da Marinha, de objetos e documentos que pertenceram ao Almirante Marquês de Tamandaré, junto a Leon Victor Louis Robichez, viúvo da Sra Luzia Marques Lisboa Robichez, neta do personagem, representante ainda dos demais herdeiros do Patrono da Marinha do Brasil.

Da relação detalhada no mesmo periódico, constavam objetos que hoje compõem parte do acervo em exposição no Museu Naval, no caso condecorações, espada, quadro à óleo, espadim, óculo de alcance e outros objetos. Quanto à documentação, era listado:

- 153 ofícios do Ministro da Marinha – Guerra do Paraguai;
- Processo do Segundino de Gomensoro – Encalhe da Corveta *Jequitinhonha*;
- 115 cartas do Almirante Barroso – Guerra do Paraguai;
- 96 cartas do General Osório – Guerra do Paraguai;
- 21 cartas de J.M da Silva Paranhos – Guerra do Paraguai;
- Diário de Bordo- 1866;
- 34 cartas do General Manoel Marques de Souza – Visconde de Porto Alegre. Guerra do Paraguai;
- Cartas do Almirante Joaquim José Ignácio – Visconde de Inhaúma;
- Cartas do General Venâncio Flores;
- Numerosas cartas dirigidas ao Almirante: Conselheiro Silveira Lobo, Segundino Gomensoro, Conselheiro Pinto Lima, etc...;
- Diplomas das promoções e nomeações de Joaquim Marques Lisboa; e

---

\* Capitão-de-Mar-e-Guerra, pós-graduada em História Militar pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, atualmente exerce a função de assessora técnica da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM.

<sup>1</sup> Periódico editado pela área cultural da Marinha do Brasil desde 1851, cujo público-alvo inicialmente eram os oficiais de marinha, trata da publicação de artigos sobre temas de interesse marítimo e naval brasileiro.

-Correspondências particulares (cartas da Família Real, convites, montepios, congratulações, elogios, etc...).

Outro conjunto de documentos foi entregue à Marinha do Brasil pela Sra. Sofia Monteiro de Barros, por intermédio do Sr. Jósio de Salles, cumprindo assim o desejo da Sra Maria Eufrásia Marques Lisboa, filha do Almirante Tamandaré.

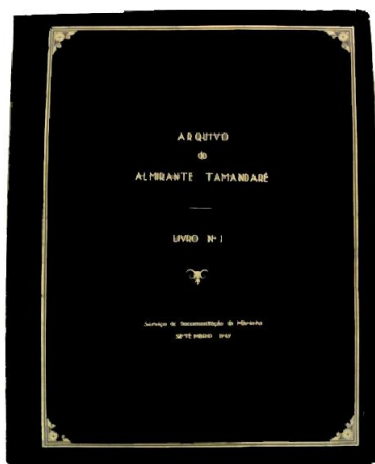
Assim, era adquirido pelo então Serviço de Documentação da Marinha o arquivo particular daquele oficial que, em 04 de setembro de 1925, por ato do Ministro da Marinha Almirante-de-Esquadra Alexandrino Faria de Alencar, fora elevado à condição de protetor e defensor da instituição e seus valores; pelo mesmo Aviso Ministerial, o dia 13 de dezembro, data de nascimento do Almirante Tamandaré, foi instituído como o *Dia do Marinheiro*, a ser oficialmente comemorado pela Força todos os anos. E, ao refletir sobre as razões desse fato, é possível afirmar que sua biografia “heróica”, inserida na formação e consolidação da Marinha do Brasil e do Estado Nacional ao longo da monarquia brasileira, contribuiu sobremaneira para a construção de uma história naval no campo da memória. Afinal, fazendo uso do artigo “A formação do herói Tamandaré na Marinha do Brasil: uma breve análise” (ALMEIDA, 2004:69-77), Tamandaré foi um *homem-época*, “*homem momento* cujas ações são conseqüências de extraordinária capacidade de inteligência, vontade e caráter, em vez de acidentes de posição”, com uma carreira pontuada de escolhas não apenas construídas pelo momento, mas também pelo próprio Tamandaré, que transformou seus atos decisivos em ações refletidas e estudadas, sendo ainda profundamente prestigiado por seus pares e pela própria Marinha. Sua escolha como Patrono deu-se num momento delicado da história política brasileira<sup>2</sup>, havendo necessidade de um nome que fosse unanimidade à Força. Por último, seu perfil encerrava total lealdade ao Império, cumprimento à lei e aos regulamentos, carreira longa, nacionalismo e liderança na Marinha dos anos 20, o que o fazia reverenciado e admirado como um exemplo a ser seguido, aliado ao fato de que mesmo distanciado de uma política formal e vindo de uma família de pequena nobreza, chegara ao almirantado.

---

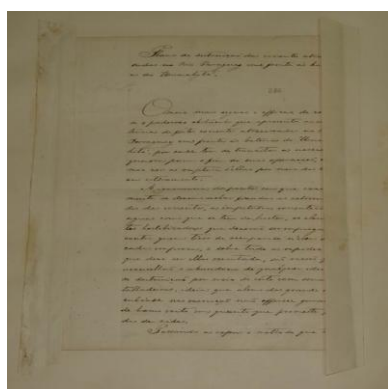
<sup>2</sup> O Brasil vivia o Tenentismo, e a Marinha do Brasil tivera o Levante do Encouraçado São Paulo

## II – O Manuseio

Acondicionados em livros (17), em sua maioria na dimensão aproximada de 50 cm por 39 cm de largura, com encadernação em couro, os documentos foram colados às respectivas páginas, guardados em armário próprio, sendo dispostos sem obediência à cronologia, e ou mesmo assunto. Entretanto, em que pese às técnicas hoje existentes sobre acondicionamento e conservação em papel, fato é que a documentação está em bom estado de preservação.



Capa do Livro I do Arquivo Tamandaré



Plano de destruição das correntes atravessadas no Rio Paraguai em frente às baterias de Humaitá

O inventário do Arquivo do Almirante Tamandaré teve início em 1978, pelo menos no que tange a uma metodologia histórica, tendo todos os seus documentos sido fichados, e hoje microfilmados. Até então, as consultas realizadas levavam, invariavelmente, ao manuseio dos originais. A historiografia naval brasileira, representada essencialmente

por estudiosos militares do assunto, no caso de livros e outros trabalhos escritos sobre a vida do Almirante Tamandaré<sup>3</sup>, tem registrado o uso em escala numerosa da documentação do Arquivo apenas pelo 1º Tenente José Francisco de Lima; outros autores também podem ter pesquisado a respeito, mas não há citações nas respectivas publicações.

Apenas em 2004, por ocasião do Bicentenário do Barão do Amazonas, em palestra realizada no Instituto de História e Geografia Brasileiro, sob o título *Correspondências entre os Almirantes Barroso e Tamandaré no Limiar da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai* (NOGUEIRA DA GAMA, 2007: 94-107) 19 cartas a pontuar a trajetória do Almirante Barroso no estabelecimento da Base de Operações da Esquadra em Corrientes, no período 1864-1865 (existem 118 correspondências entre Barroso e Tamandaré no acervo, sendo 83 relativas às operações da esquadra). Foi uma primeira iniciativa de, mediante documentação primária do Arquivo do Almirante Tamandaré, promover a revitalização de aspectos correntes à história político-militar do país no período, tais como as razões da lentidão da esquadra aliada em suas operações, creditada por muitos autores apenas aos responsáveis pela condução militar do conflito contra o Paraguai, dado o uso, por esses, de uma documentação primária baseada em acusações havidas em jornais e sessões plenárias da Câmara e do Senado à época, e repetida ao longo do tempo pela historiografia. Houve ainda uma releitura do perfil biográfico do Almirante Barroso, creditando-se os feitos em sua carreira que o tornaram o 2º homem na hierarquia do Comando Naval em Operações no Rio da Prata.

### **III – O Livro 16**

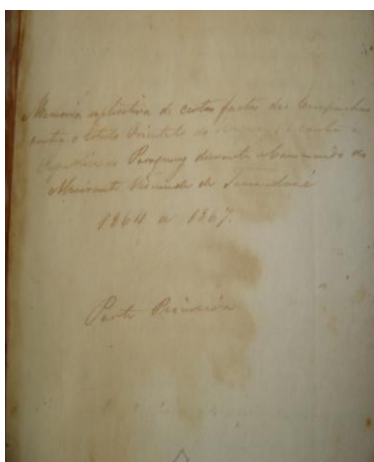
Como parte das comemorações do Bicentenário de Nascimento do Patrono da Marinha, em 2007, incluiu-se a publicação do catálogo do Arquivo do Almirante Tamandaré. Era o momento de, cumprindo-se a nova realidade no domínio da construção histórica, democratizar e popularizar, enfim, tornar conhecida e disponível aos estudiosos, toda uma documentação que pode ser creditada à história política, onde se encontra a história militar e naval. O propósito não era o de, com a publicação, produzir o acesso a verdade sobre a trajetória do Almirante Tamandaré, mas sim trazer à público, no dizer de José

---

<sup>3</sup> Bibliografia pesquisada na rede integrada das 36 bibliotecas de Organizações da Marinha do Brasil (REDE BIM).

Murilo de Carvalho, “mais mediadores do conhecimento da história – os documentos -” (CARVALHO, 2004: 98) e assim, refletir/discutir/debater sobre a importância e existência dos heróis...” lideranças da sociedade os quais nascem, por vezes, em resposta de importantes demandas concretas do segmento social / instituição que representam, absorvendo expectativas e necessidades de grupos e coletividades ali alocados<sup>4</sup>.

Nesse contexto, foi iniciado o inventário do Arquivo pelo Departamento de História Marítima do Serviço de Documentação da Marinha, com o apoio dos Departamentos de Arquivos da Marinha e de Publicações e Divulgação. A sua produção, decidiu-se, seria em papel e atendendo aos apelos da informática como fator de democratização da pesquisa histórica, também em CD-ROM. Como resultante, todo o fichamento existente foi revisto e atualizado, sendo os documentos catalogados. Mas, durante o processo, descobriu-se o Livro 16.



*A Memória Explicativa de certos fatos das Campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e contra a República do Paraguai durante o comando do Almirante Visconde de Tamandaré* é uma fonte primária que trata de questões políticas e operações militares ocorridas até a rendição de Uruguaiana, em fins de 1865, tendo como personagem central nesse relato o Almirante Tamandaré. Busca explicar, com o concurso de

---

<sup>4</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *História na Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em: <<http://www.educacao.gov.br/sef/estrut2/pcn/materiais/eja/volume2/historia.pdf>>. Acesso em: 19 de outubro de 2007.

numerosos documentos, as suas ações empreendidas no período. Foi escrito pelo Capitão-Tenente Euzébio José Antunes em 1867, por ordem do Ministro da Marinha, provavelmente com o intuito de refutar as acusações que as ações da esquadra vinha sofrendo na imprensa e no parlamento nacional. A escolha desse militar para escrever um depoimento deve ser considerada em função das comissões que exerceu ao tempo dos conflitos no Prata, como Ajudante-de-Ordens do Comandante da Força Naval no Rio da Prata, sediada em Montevideu (1862-65) e no assessoramento prestado ao Almirante Tamandaré, em Buenos Aires (1865-66), na criação da estrutura logística que permitiu a operação da Esquadra Brasileira nos Rios Paraná e Paraguai. Junte-se aos fatos o conhecimento de causa e perfil jornalístico que já demonstrara no trato de discussões, pela imprensa, das mais complicadas questões da alta administração da Marinha de Guerra, merecendo elogios do Comandante da Estação Naval da Bahia, onde também serviu.

Diante desse manuscrito inédito, optou-se por também publicá-lo. Afinal, no ano em que se comemorava o Bicentenário de nascimento do Patrono da Marinha do Brasil por que não se fomentar “a ambição de todo historiador na produção do conhecimento novo... dizendo coisas diferentes das que foram ditas por nossos predecessores...” (CARVALHO, 2004: 98). Citemos por exemplo aquela historiografia corrente, que condena a morosidade da esquadra, as ações empreendidas pelo Almirante Tamandaré nos episódios de Salto e Paissandu, culpando-o pela precipitação da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai, a sua longa estadia em Buenos Aires.... julgando-os até mesmo como fruto de “visíveis sintomas de velhice precoce” do Comandante em Chefe das Forças Navais no Rio da Prata à época. Pelo visto no livro ora publicado, cujo conteúdo está disponível para pesquisa desde a compra do acervo do Almirante Tamandaré, há controvérsias.

Composto de 141 páginas, o depoimento do Capitão-Tenente Euzébio Antunes, além de transcrever e citar diversos documentos, como já referido, traça considerações a respeito, também opinando sobre as “certezas” deixadas pela guerra ainda em curso, como se segue:

*“Fevereiro de 1867<sup>5</sup>*

*“A Guerra do Paraguai encerra uma preciosa lição para o Brasil, embora com o sacrifício do bem-estar e do futuro da geração atual, que já se mostra cansada por uma luta tão prolongada e cruel, e procura lançar a culpa desta situação tirante à lentidão e inércia na presente marcha das operações e a erros dos últimos governos, quando deve atribuí-los à improvidência a total confiança de uma paz estável no passado, de que todos que tiveram parte ou influência nos públicos negócios são responsáveis, sem distinção de partidos.” (ANTUNES, 2007 : 11)*

Essa análise remete ao fato de que episódios anteriores à guerra em curso já denotavam a beligerância na região platina; como exemplos de ações da esquadra imperial, a Guerra contra Oribe e Rosas (1851), onde teve participação efetiva com a “Passagem de Tonelero”, a ida do Chefe-de-Esquadra Pedro de Oliveira a Assunção (1855), os navios da Esquadra, a mandar informações, como postos avançados de observação nos rios do Prata ... Também cumpre pontuar as constantes solicitações feitas pelos ministros militares no tocante a necessidade de pessoal e material para fazer frente a uma dissuasão na preservação da paz. Mas o Brasil daquela época, na sua afirmação como Estado Nacional, precisava conciliar os interesses externos e internos ao País.

*“Temos direito em falar esta linguagem; porque nunca partilhamos essa confiança e improvidência que das altas regiões do poder, e do seio do Parlamento Nacional se procurava implantar nas massas populares, e que nos fez adormecer nas proximidades de um vulcão; e para provar a nossa tese, e evitar que a História registre uma grande injustiça nacional, é que hoje lançamos mão da pena para escrever este esboço imparcial.” (ANTUNES, 2007 : 11)*

As considerações do Capitão-Tenente Antunes, personagem atuante daquela história, tiveram o claro propósito de justificar as ações da Marinha Imperial e do seu Comandante em Chefe, o que não invalida de todo a veracidade das afirmativas contidas no documento, mas uma total imparcialidade nas análises dos fatos é discutível ...

*“Página 22*

*“Não podia ser, realmente, mais desgraçada a situação militar do Império quando tivemos de fazer soar o canhão no Rio da Prata para desafronta da honra nacional e para conseguir as garantias a que tinham direito os brasileiros residentes no Estado Oriental. Nunca almirante algum se viu encarregado de uma missão tão árdua, tão pouco definida, com tão escassos elementos, como o então Barão de Tamandaré nessa ocasião!*

*“Com efeito: não obstante o Sr. Conselheiro Saraiva ter demorado quanto pôde a apresentação do ultimatum ao Governo de Montevideú, o que teve lugar no dia 12 de agosto de 1864, somente*

---

<sup>5</sup> Todos os grifos nas próximas citações são meus.

*no dia 1º de dezembro, isto é, quase quatro meses depois, foi que o Exército Brasileiro penetrou no Estado Oriental, e que Exército! Que não chegava a seis mil homens, inclusive os 1.200 voluntários que acompanhavam o General Netto.” (ANTUNES, 2007 : 37*

Realmente, apesar dos esforços envidados pelo governo imperial no aparelhamento da Esquadra a partir de 1848, com a ida do próprio Almirante Tamandaré a Europa a buscar o 1º navio a vapor da esquadra, lá voltando em 1857 para aquisição de mais embarcações, a modernidade da esquadra acontecia de forma histórica descontínua aos avanços da Revolução Industrial, a conjuntura político-militar do País e as necessidades de seu reaparelhamento para o teatro de operações, que pressupunha navios de pequeno calado e encouraçados, entre outras especificidades; mas, se comparada aos demais países da América do Sul, o progresso se dava de forma acelerada.

*“Página 27*

*“Único responsável nessa época crítica pela direção política e militar da guerra, e gozando de uma ilimitada confiança de seu governo, que o deixava inteiramente livre ele consultaria o melhor, como porque no teatro dos acontecimentos era o mais habilitado para resolver – (Despacho de 7 de dezembro de 1864, do Ministro dos Negócios Estrangeiros), o Almirante brasileiro se multiplicava para malograr todos esses planos, a fim de corresponder a essa honrosa confiança.” (ANTUNES, 2007 : 41)*

Neste aspecto, o Capitão-Tenente apresenta em sua memória explicativa vários documentos comprobatórios das tentativas conciliatórias do Almirante Tamandaré em resolver, pela paz, as contendas na região, sem contudo deixar de alertar as autoridades que o elogiavam sobre as beligerâncias históricas dos países envolvidos, em especial a Argentina. Outra questão a ser observada é ter o governo imperial impingido ao Almirante Tamandaré, um profissional da guerra, a condução política do embate na República Oriental do Uruguai.

*“Página 38 – Considerações acerca da resposta do Ministro em Assunção às indagações do Almirante Tamandaré sobre o poderio militar paraguaio. (os documentos foram transcritos):*

*“Eis o modo por que éramos servidos! Imprevidência de uma parte, descuido de outra, ignorância completa do valor militar do inimigo, e a vaidade de saber tudo dessa China da América! Assim empreendemos ao acaso esta guerra desastrosa!*

*“É digno de ler-se integralmente este ofício escrito pelo Almirante ao Ministro dos Negócios Estrangeiros em 12 de outubro. Ele revela a sua impaciência por incitar as operações, e o seu anelo por nos ver colocado em uma posição sobranceira às dificuldades que se debruçavam no horizonte! Quem diria que dois anos depois seria este mesmo chefe acusado de inércia por não*

*ter realizado operações imprudentes, sem motivo justificado, só para satisfazer caprichos de quemõe joga com a opinião pública, tão fácil de ser explorada?” (ANTUNES, 2007 : 51)*

A historiografia naval brasileira registra a total falta de informações acerca do poderio militar inimigo, da geografia do teatro de operações, da difícil logística da guerra em andamento, realizada longe dos recursos necessários à esquadra (estaleiros, peças de reposição, carvão para abastecimento dos vasos de guerra, alimentação e fardamento do pessoal embarcado), da inequabilidade dos navios de guerra para navegação fluvial, etc ... A estadia do Almirante Tamandaré em Buenos Aires, demorando a juntar-se à Esquadra em Corrientes, deu-se em decorrência, posto que era imperioso o estabelecimento de uma estrutura logística à guerra fluvial, muito em face do desconhecimento do poderio militar inimigo, aliado ao fato de que não poderia as operações da esquadra estar subordinada aos interesses de política interna, ou mesmo externa, de outros países, como no caso argentino.

*Páginas 40 e 41 – transcrição de ofícios do Presidente da Província do Rio Grande do Sul e do Brigadeiro Canavarro, em 20 de setembro de 1864:*

*“O Sr. Conselheiro Saraiva recomendou-me que devia prevenir a V. Ex.<sup>a</sup> para serem as operações do exército coadjuvadas pelas forças da nossa Esquadra, e assim o faço sem poder determinar a época certa em que poderão achar-se as nossas forças em frente a Paissandu e Salto.’ ” (ANTUNES, 2007 : 53)*

*Presidente da Província do Rio Grande*

*“Comando da Fronteira do Quaraí. Quartel-General em Santana do Livramento, 27 de setembro de 1864. Ilmo. e Exmo. Sr. Hoje às 10 horas do dia, recebi o ofício que V. Ex.<sup>a</sup> serviu-se dirigir-me em data de 21 do corrente, comunicando-me que o General Servando Gomes, à frente de uma força de 2.500 homens das três armas efetuava sua passagem para o norte do Rio Negro, talvez com o fim de reforçar Paissandu para oferecer batalha ao General Flores, que se acha ao alcance de tiro de canhão da dita cidade, incorporar-se à Guarnição do Salto, ou dirigir-se a esta fronteira. Em resposta tenho o pesar de dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que, com as forças que atualmente tenho à minha disposição, parece-me inútil ou sem vantagem qualquer tentativa que faça por esta parte; porque pouco excedem de 500 homens de cavalaria, disseminados por toda a fronteira.’ ” (ANTUNES, 2007 : 54)*

*David Canavarro*

Ao longo de toda a Campanha Oriental e da Guerra do Paraguai, a esquadra imperial se viu compelida por diversas vezes a conter suas operações à espera de forças terrestres, e apoio as forças navais de Muratori outra razão de sua lentidão; afinal, do mar ainda não se governou a terra. Como invadir o Paraguai sem o exército brasileiro?

*Página 44 e 45 – transcrição de ofício do Comando da Flotilha de Mato Grosso, 4/10/1864:*

*“ A força sob meu comando é bastante diminuta, e incompleta, pois havendo quatro vapores só um tem artilharia e todos estão mal guarnecidos, do que já dei conhecimento ao Quartel-General da Marinha, logo que tomei este comando, mas que nenhuma solução teve até agora, e por isso não sofreu melhoramento algum a Flotilha, e continuam os navios lotados de modo que, nem para a simples navegação dos rios tem guarnição suficiente; além disso acresce que só do Corpo de Imperiais Marinheiros pode-se obter praças para os navios, e este está mui resumido e incompleto pela falência de recrutas ou voluntários. ” (ANTUNES, 2007 : 57)*

Envolvido por muitos anos no processo de consolidação do Estado Nacional, dentre outros fatores, o governo imperial viu-se impedido de atender aos clamores dos segmentos militares, quanto às necessidades de pessoal, notadamente a Marinha. Também as especificidades técnicas dos militares a serem empregados nos navios, os baixos soldos, as intempéries de uma vida a bordo dificultavam o recrutamento do pessoal marinho.

*Página 48:*

*“Ninguém pensava que o General López invadisse a Província de Corrientes, e rompesse assim com a Confederação Argentina; portanto, quando se tratava da guerra, a persuasão geral era que ele não sairia da defensiva, limitando-se à invasão de Mato Grosso para se apoderar dos limites a que pretende. ” (ANTUNES, 2007 : 61)*

*Páginas 48 e 49 – transcrição de ofício do Almirante Tamandaré ao Ministro da Marinha, em 3 de março de 1865, expondo o seu plano de operações:*

*“ ... cumpro-me romper, no mais curto prazo possível as hostilidades contra a República do Paraguai. O Governo Imperial, porém, ainda não nos deu a conhecer o plano geral de campanha que tinha resolvido adotar nesta guerra justa, que provoca aqui imensas simpatias; nem exigiu a opinião de seus generais de mar e terra, incumbidos do comando das forças em operações. ’ ” (ANTUNES, 2007 : 61-62).*

A Tamandaré, como profissional da guerra, importava as ações operativas de um conflito já em andamento, enquanto ao governo imperial as tratativas diplomáticas para minimizar os seus efeitos na condução política do embate e seus reflexos para a nação. Ao mesmo tempo, o Comandante das Forças Navais do Rio da Prata se ressentia quanto a ausência de um plano de operações, bem como falta de diálogo nas tomadas de decisão do governo;

*Páginas 65 e 66:*

*“... à discussão do Tratado e do plano da campanha havia assistido o General Urquiza, que veio a Buenos Aires, para este fim expresso, a convite do General Mitre. Aquele caudilho, que consideramos o homem mais funesto do Rio da Prata, e que à ferocidade do tigre reúne a astúcia*

*da raposa, havia mostrado muito entusiasmo pela causa dos aliados, e prometeu ser o primeiro a dar uma lição ao inimigo, fazendo marchar de Entre-Rios seus soldados já prontos, em número de oito mil homens, que, reunindo-se ao General Nicanor Cáceres, que comandava os correntinos, e ao General Paunero, que havia partido de Buenos Aires com as forças de infantaria e artilharia disponíveis, podiam formar um exército de vanguarda de 12 a 15 mil homens, capaz, com efeito, de dar um golpe importante, logo que o inimigo se internasse no território correntino, do qual o ministro das Relações Exteriores da Confederação esperava os melhores resultados. Havia, porém, muito quem não só duvidasse da cooperação deste caudilho, como que até desconfiasse que ele estava de combinação com o inimigo, que não se atreveria a avançar tão francamente à procura da Província de Entre-Rios, se não esperasse achar apoio nela. “O Almirante Tamandaré era um destes...” (ANTUNES, 2007 : 79)*

Tamandaré estava certo. O general Paunero não teve o apoio de Urquiza, outro fator para a morosidade da Esquadra. E não fora ouvido a respeito, já que era conhecida sua desconfiança para com os interesses argentinos no conflito.

*Página 81 e 82:*

*“Nestas graves circunstâncias, tendo dois chefes de confiança à frente da Esquadra no Paraná, devia o Almirante Tamandaré partir também para ali, e abandonar nosso Exército, abandonar nossa Província do Rio Grande, dar as costas ao perigo sério que corria a integridade do Império, perigo que obrigou até o Imperador a fazer uma viagem incômoda e rápida, por uma estação rigorosa, para se apresentar em frente ao inimigo, como o primeiro Voluntário da Pátria?”*

*“Julgamos que nem os próprios adversários deste ilustre general se atreverão a dar uma resposta positiva a esta interrogação, preferindo a defesa do solo estrangeiro à defesa do solo da Pátria.”*  
(ANTUNES, 2007 : 94)

*Página 90:*

*“Estes preciosos documentos da história nacional além das provas que nos fornecem da injustiça com que se acusava de morosos os movimentos da nossa Esquadra, nos revelou também o seguinte, que convém ter em memória.*

*“1<sup>o</sup> – A insuficiência do 1<sup>o</sup> Corpo do Exército argentino para realizar os planos de campanha esboçados em Buenos Aires pelo Ministro Elizalde nas cartas que dirigiu ao Almirante.*

*“2<sup>o</sup> – Que a Esquadra, se não tivesse subido e descido tantas vezes por causa daquele Exército, teria chegado a Corrientes – donde só esteve distante 16 léguas – com carvão ainda para navegar, visto que ela podia chegar mesmo depois disso àquele ponto, partindo do Rincón do Soto.*

“<sup>3</sup> – *Que ela salvou então aquele 1<sup>o</sup> Corpo do Exército com o seu inestimável concurso, embora com o sacrifício de sua glória.*” (ANTUNES, 2007 : 102)

As críticas historiográficas feitas ao desempenho do Almirante Tamandaré no concurso das operações no Rio da Prata no período 1864, visto como “militarmente opaco” (DORATIOTO, 2002: 253), ignoram que seu sucessor, Joaquim José Ignácio, o Visconde de Inhaúma, tinha a seu favor uma logística operativa da guerra e ações coordenadas com as tropas terrestres, construída e reclamada pelo Patrono. Desconhecem o fato de que a Marinha de então, perfeitamente consolidada, possuía um Estado Maior capaz de dividir com as suas múltiplas funções de Comandante em Chefe, as responsabilidades da guerra, tendo como Chefe Francisco Manuel Barroso da Silva (NOGUEIRA DA GAMA, 2007: 94-107) que em suas correspondências para Tamandaré, detalha todas as dificuldades da esquadra na subida do rio Paraná, e até comenta o quanto deve ser difícil ao seu *Brother*<sup>6</sup> estar longe das operações, envolvido que estava no aparato logístico da armada e no firme propósito de só subir o rio após a chegada de tropas e vasos de guerra.

Como visto, as reflexões, análises acerca das “elucubrações” de Tamandaré (DORATIOTO, 2002: 203-255), merecem uma releitura com o concurso de fontes primárias diretamente atinentes à historiografia naval brasileira, como essa documentação inédita ora publicada, sem contudo refutar outras já existentes, como as “Reminiscências da Guerra do Paraguai” (JACEGUAÍ, 1982: 10-193), mas lançando sobre essa e outras, e sempre, um olhar curioso e desconfiado, tão próprio aos estudiosos da história .

Infelizmente, na última página do manuscrito do Capitão-Tenente Euzébio Antunes há uma interrupção da narrativa, parecendo faltar sua continuação...

#### **IV – O Catálogo do Arquivo do Almirante Tamandaré**

O Arquivo Tamandaré, notadamente composto de documentação passiva, está disponível mediante uma prévia seleção de fichas catalográficas e consulta em microfiches. Possui um extenso índice remissivo e onomástico a pontuar os campos de investigação dos estudiosos, e dos atores políticos e militares à época. Nos subsídios às

---

<sup>6</sup> Tratamento carinhoso dispensado por Barroso a Tamandaré, rememorando onde se conheceram, ainda moços, nas aulas de inglês do Padre Thomas Trilby.



Esses ditos elementos provém da história naval brasileira vivida por um homem que atravessou todo o tempo monárquico do país. O acesso ao Arquivo Tamandaré traz ainda consigo, em que pese as críticas, “... o fetiche da busca pelo ‘documento inédito’ e ‘original’, tão comum ao ambiente historiográfico.” (NOVA, 1997: 100-106) Entretanto, podemos encontrar outras finalidades na produção bibliográfica da documentação do Patrono da Marinha, todas elas relacionadas ao progresso da tecnologia da informação, já conhecidas dos pesquisadores de história, quais sejam: facilitação na coleta das fontes primárias, conservação dos documentos, democratização das informações, etc... E todas elas remetem a um fato – O DOCUMENTO PRECISA EXISTIR - juntamente com o historiador e a realidade histórica. (CARVALHO, 2004, 98). Para tal, é necessário produzir uma memória escrita e dessa forma ser revisitada. Documentos produzidos eletronicamente, muitos digitalizados, bem como outras ferramentas tão modernas serão capazes de nos fazer repensar uma história que começou a ser escrita há pouco mais de 200 anos, como a do Patrono da Marinha do Brasil? Será que assim “... continuaremos a percorrer os caminhos e descaminhos da história, enfrentando com serenidade as diferenças de opinião e opção teórica ...” (CARDOSO, VAINFAS, 1997: 449), objetivo maior a ser alcançado com essas publicações? Vale a pena refletir....

#### V- Bibliografia

- 1- ALMEIDA, Francisco Manuel de. A formação do herói Tamandaré na Marinha do Brasil: uma breve análise teórica. *Revista Navigator: Subsídios para a História Marítima do Brasil*, n.6, 2007. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2007, 69-77.
- 2 - ANTUNES, Euzébio José. *Memórias das Campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai durante o Comando do Almirante Visconde de Tamandaré*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2007.
- 3 - CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaio da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- 4 - CARVALHO, José Murilo de. O Historiador e os Morcegos. *Revista Nossa História*. Ano 1, nº 10, ago. 2004.
- 5 – CATÁLOGO do arquivo do Almirante Tamandaré. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2007.

6 – DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

7 – GAMA, Edina Laura Nogueira da. *Correspondências entre os Almirantes Barroso e Tamandaré no Limiar da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai*. *Revista Navigator* : Subsídios para a história marítima do Brasil – n.5 (jun.2007). Rio de Janeiro. Serviço de Documentação da Marinha, 2007, 94-107.

8 – JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de, *Reminiscências da Guerra do Paraguai*, vol 4. Rio de Janeiro. Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1982.

9 - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *História na Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em:<<http://www.educacao.gov.br/sef/estrut2/pcn/materiais/eja/volume2/historia.pdf>>. Acesso em 19 de outubro de 2007.

10 - NOVA, Cristiane Carvalho da. A informática e a democratização da pesquisa histórica. *O Olho da História*, Salvador, v. 1, n. 4, 1997.

11 – SILVA, Carlos Andre Lopes da. Resenha do Catálogo do Arquivo do Almirante Tamandaré. *Revista Navigator*: Subsídios para a História Marítima do Brasil, n.6, 2007. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2007, 81-82.